

FILOSOFIA DO SER-TÃO PARA O TRANSFORAMAR: "AMAR E MUDAR AS COISAS ME INTERESSA MAIS"...

Adilbênia Freire Machado³³

Resumo

O presente ensaio dialogará, a partir de perspectivas afrorreferenciadas, que são delineadas por referências afro-indígenas, acerca de possibilidades para transformAmar, descolonizar o conhecimento e nossos sentidos, tendo as filosofias da ancestralidade e do encantamento como mediadoras dessa encruzilhada. Desse modo, a filosofia do ser-tão é a linha que borda essa construção nos chamando a refletir sobre o modo como temos tecido nosso estar no e com o mundo, além de nossas teorias. Objetiva-se pensar teorias implicadas com a diversidade, a pluralidade para que possam ser movimento de cura e libertação. Amor é metodologia, pois é o que delineia a construção do ensaio, que é qualitativo e tem como objetivo nos chamar a reflexão acerca de nossas construções teóricas, práticas e sensíveis. Movimentos que nos convidam a viver de maneira ética, intensa, ser-tânica. In-conclui-se que só é possível transforAmar implicadas com o ser-tão em nós... ser-tão encruzilhado por movimentos afrorreferenciados, movimentos ancestrais e encantados.

Palavras-chave: TransforAmar; Ser-tão; Orgânico; Encruzilhada; Cura.

PHILOSOPHY OF BEING-SO FOR TRANSFORAMAR: 'loving and changing things interests me more'...

Abstract

This essay will engage in a dialogue, based on Afro-referenced perspectives, which are outlined by Afro-indigenous references, about possibilities for transforming and decolonising knowledge and our senses, with the philosophies of ancestry and enchantment as mediators of this crossroads. In this way, the philosophy of being-there is the thread that runs through this construction, calling us to reflect on the way we have woven our being in and with the world,

³³ Doutora em Educação (UFC). Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares/UFRRJ. Membro do grupo de pesquisa Núcleo das Africanidades Cearenses: encantamento, pretagogia, ancestralidade (NACE) UFC. Sócia fundadora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa REDE AFRICANIDADES (UFBA) e Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (LEAFRO - UFRRJ).

beyond our theories. The aim is to think about theories that are involved with diversity and plurality so that they can be a movement for healing and liberation. Love is methodology, because it is what outlines the construction of the essay, which is qualitative and aims to call us to reflect on our theoretical, practical and sensitive constructions. Movements that invite us to live in an ethical, intense, being-tanic way. The conclusion is that it is only possible to transformAmar implicated with the being-so in us... being-so crossed by afrrorreferenced movements, ancestral and enchanted movements.

Keywords: TransformAmar; Being-so; Organic; Crossroads; Healing.

FILOSOFÍA DE SER-ASÍ PARA TRANSFORMAR: «AMAR Y CAMBIAR LAS COSAS ME INTERESA MÁS»...

Resumen

Este ensayo dialogará, a partir de perspectivas afrrorreferenciadas, que son delineadas por referencias afro-indígenas, sobre las posibilidades de transformAmar, descolonizando el conocimiento y nuestros sentidos, con las filosofías de la ancestralidad y del encantamiento como mediadoras de esta encrucijada. De esta forma, la filosofía del ser-tan es el hilo conductor de esta construcción, llamándonos a reflexionar sobre la forma en que hemos tejido nuestro ser en y con el mundo, mas allá de nuestras teorías. Se trata de pensar las teorías implicadas con la diversidad y la pluralidad para que sean un movimiento de sanación y liberación. El amor es metodología, porque es lo que delinea la construcción del ensayo, que es cualitativo y pretende llamarnos a reflexionar sobre nuestras construcciones teóricas, prácticas y sensibles. Movimientos que nos invitan a vivir de forma ética, intensa, ser-tánica. La conclusión es que sólo es posible transformAmar implicados con el ser-tan en nosotros... ser-tan atravesado por movimientos afrrorreferenciados, movimientos ancestrales y encantados.

Palabras clave: TransformAmar; Ser-tan; Orgánico; Encrucijada; Curación.

Amar e mudar as coisas

A minha alucinação é suportar o dia a dia
E meu delírio é a experiência com coisas reais...

Belchior

Não posso dizer que *não estou interessada em nenhuma teoria*, posto não ser verdade. Não tenho interesse em uma teoria, mas em teorias, a multiplicidade, a diversidade delas, daquelas interessadas em *amar e mudar as coisas*, ou seja, transforAmar. E é a partir desse interesse que esse ensaio tecerá bordados de afetos, de pertencimento, de enraizamento, de ancestralidade e de encantamento. Bordados implicados com transforAmar a nossa realidade e criar *outros mundos possíveis*, com respeito, comprometimento, equidade, liberdade, amor...

Muitas vezes me indagam: como é possível se encantar diante de tanto sofrimento? Que encantamento é esse diante de tanto *desencantamento do mundo*? Pergunta-se, ainda, como transforAmar diante de tantas violências? Costumo responder que a filosofia do encantamento é movimento próprio de nossas resistências para nos mantermos vivas com dignidade, em toda nossa completude, re-existindo e sendo pessoas gratas por nosso chão, nosso axé, nossa vida, *apesar de...* É movimento próprio do bem-viver! É movimento de enraizamento, pertencimento, potencialização da vida, pois "o compromisso com uma ética amorosa transforma nossa vida ao nos oferecer um conjunto diferente de valores pelos quais viver." (hooks, 2020, p. 124).

Assim, é movimento próprio do e para o transforAmar! O movimento do transforAmar está mais interessado em reflexões / ações (transformação) em torno do como construir caminhos, como construir afetos, como construir pontes, como dar sentido para nosso ser/estar no mundo, viver na encruzilhada do mundo visível com o invisível, ligando mundos... Estar de forma implicada, digna, portanto, encantada, pois que, como afirma Márcia Wayana Kambeba (2020, p. 51):

Ligar mundos, ser ponte para o outro, é tarefa que requer amor, humildade, sabedoria, caridade, vontade de partilhar saberes de importância certa na caminhada e na escolha sobre o caminho a

seguir rumo ao novo horizonte, sempre além do imaginável, um novo nascer do sol, da lua nova (KAMBEBA, 2020, P.51).

Esse movimento do / para transformar será bordado pelo pensamento afroreferenciado, que é pensamento da diversidade, mas não uma diversidade que separa; ao contrário, une, é pensamento que deseja e acolhe essa diversidade. Esse conceito, afroreferenciado, busca referências que sustentam nosso solo, que regam nosso viver, nossas referências afro-indígenas, pois partimos de uma mesma ancestralidade, a terra, o chão, o útero do mundo... É pensamento orgânico, diversal, pois "os orgânicos querem apenas viver como orgânicos, se tornando cada vez mais orgânicos. Para os diversos, não se trata de desenvolver, mas envolver" (SANTOS, 2023, p. 30). Ter uma relação orgânica é compreender que todas as "vidas são necessárias" (Ibid, p. 26), compreendendo, primeiramente que "nascemos nos ventres das mães mulheres para aparecermos na terra... E nascemos no ventre da terra para aparecermos na ancestralidade" (SANTOS, 2021, on-line).

Assim, a ancestralidade afroreferenciada nos convida a ouvir vozes ancestrais da natureza, aprender seus saberes... ouvir o vento, os rios, as matas, as florestas, os oceanos, as montanhas, a terra seca, o chão batido, o céu, a lua em suas fases, o sol, o tempo... Isso é filosofia do ser-tão que se dá costurada pelas linhas e peles da ancestralidade e do encantamento.

"O sertão está em toda parte [...]
Sertão é onde o pensamento da gente
se forma mais forte que o poder do lugar,
sertão é dentro da gente."³⁴

Teorias para transformar

O passado jamais termina.

O passado é a memória que recomeça nossos passos.

Maria Toinha, 2021

³⁴ Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas.

Já afirmei que esse ensaio tem o propósito de pensar teorias que possam mudar nossa realidade. Teorias que pensam conteúdos encruzilhados com nossas percepções e sensibilidades, oriundos de nosso chão... compreendendo nosso corpo como produtor de conhecimentos, de sentidos, corpo memória, corpo sentidos, tecido pela terra, sabendo que “quando temos amor pela terra, cultivamos uma forma de amor-próprio mais completa” (hooks, 2022, p. 67). Razão entrelaçada com nossos sentidos, com nossa espiritualidade. Encruzilhada encantada, amorosa. Leda Maria Martins afirma (2021) que,

Na concepção filosófica de muitas culturas africanas e afro-brasileiras, assim como nas religiões ali referenciadas, a *encruzilhada é o lugar sagrados das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos*, sendo frequentemente traduzida por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção. *É assim, como pensamento e ação, locus de desafios e reviravoltas; compreensão e dispersão; espacialidade icônica que cartografa os inúmeros e diversos movimentos de recriação, improviso e assentamento das manifestações culturais e sociais, entre elas as estéticas e também as políticas, em seu sentido e espectro amplos. Base de pensamento e de ação*, a encruzilhada, agente tradutório e operador de princípios estruturantes do pensamento negro, é cartografia basilar para construção epistemológica balizada pelos saberes africanos e afrodiaspóricos (MARTINS 2021, p. 51, grifos meus).

Encruzilhada nos ensina que descolonizar conhecimento implica, também, e de forma muito significativa, na descolonização das linguagens, na forma como percebemos o mundo, descolonizamos nossos olhares, nossos sentidos (MACHADO, 2014). Nêgo Bispo afirma, certamente, que “quem nunca passou por uma encruzilhada não sabe escolher caminhos...” (2021, p. 03). Nesse percurso é absolutamente importante consciência crítica em torno das escolhas de caminhos para construção de conceitos, assim, analisar as construções sócio-histórica-política-cultural do conhecimento é fundante!

Desse modo, pensamos teorias de/para transforAmar que tem a encruzilhada, a diversidade, a pluriversalidade como caminhos possíveis para

poética do viver, do bem viver, pois como afirma Luís Carlos Santos, em uma nota de rodapé do artigo "A filosofia da relação de Édouard Glissant: uma breve introdução",

O poder de matar traduzido pela poética do genocídio, a qual é materializada pela unidade, o modelo único e o universal abstrato sem contexto, é muito forte na produção da aniquilação da diferença. A construção do imaginário da poética do genocídio é uma das fontes que caracteriza a soberania da pré e da pós-modernidade. É a necropolítica como imaginário que segue como política de retirada da "partilha do sensível", não existe comum unidade. A divisão entre grupos que devem morrer e os que devem viver tem como construção o poder do imaginário. A trapaça da unidade e da homogeneidade, elogiada como universal, fundamenta e legitima os imaginários da poética do genocídio. (GLISSANT, 2023, p. 63).

Nesse sentido, ao pensarmos em teorias para transforAmar, partimos da compreensão de que

É imprescindível refletir sobre os discursos de ódio, os quais ganham a cena e reverberam para todas as dimensões do humano, se localizarmos o Brasil de hoje, por exemplo. A odiosidade como imaginação política fundamenta a impossibilidade de caminharmos humanamente juntos. O "Brasil de hoje" traduz de maneira transparente o "Brasil de sempre", pois este território é uma paisagem que historicamente comprova a tese de que nunca vivemos juntos: escravidão, desigualdade social, patriarcado. Portanto, a mentalidade do racismo, da escravidão, traduzida pela política de ódio e o ódio como política, fundamenta a sociedade brasileira, esta cria as relações e potencializa os desligamentos sociais, neste aspecto os laços e as relações são potencializadoras e forjadas na odiosidade. (Ibid, p. 66).

Precisamos seguir forjando novas/outras formas de viver tecidas pela liberdade, pelo amor. Assim, transforAmar como movimento ancestral encantado tecido na encruzilhada é movimento orgânico que entende a relação como fundante para tessituras de existências dignas. Encruzilhadas de encontros / encantos, de relação, de afeto, de troca, de convivência, de compreensão, de alegria, de corpos vivos, reluzentes, em movimentos contra a política do ódio, pois tal política "apenas reverbera a desertificação da vida e o desligamento do coletivo" (SANTOS, 2023, p. 62), onde

O imaginário de produção de morte, marcado pela ausência da conversa, da convivência e da compreensão, legitima práticas de subjugação do outro e fortalece o corte e a ruptura da partilha comum da humanidade. O tempo do horror e do terror se impõem no exercício da imaginação política da desumanização e tiranização da vida daqueles que devem morrer e os que devem viver. (Ibid).

TransforAmar é movimento de gestação... é necessário gestar o bem viver, gestar encantamento onde “todas as vidas são necessárias”... É uma grande mistura, uma escolha diária, um movimento, uma ação, pois “para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes – carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (hooks, 2020, p. 47).

Esse amor ancestral é orgânico, por isso nos convida continuamente ao encantamento, este, por sua vez, nos convida a pulsar no ritmo da terra e assim fincar cada vez mais nossas raízes que são rizomas ancestrais que nos ligam ao centro da terra, onde há vida, onde pulsa o feminino, a matéria co-criadora do mundo, pois, repetindo mais uma vez o que Nêgo Bispo ensinou, “nascemos nos ventres das mães mulheres para aparecermos na terra... E nascemos no ventre da terra para aparecermos na ancestralidade.” (SANTOS, 2021, on-line). Por isso, é fundante ouvir a ancestralidade que nos habita, ouve / sente / percebe nossos ritmos... isso é escuta sensível.

Tal escuta é oriunda da abertura para a existência em toda a sua complexidade e possibilidade, é relação. Ouvindo, sentindo as outras pessoas, inclusive as pessoas da nossa pessoa. Escutar é sentir o pulsar do nosso coração e das outras pessoas, é permitir o silêncio em nós para aprendermos a ouvir, escutar, sentir profundamente. É sentir as temporalidades que nos atravessam, encruzilhando passado e presente, criando possibilidades de outros futuros, criando memórias tecidas de afetos, de sensibilidades, de encantos, pois é tecida pela busca por uma liberdade coletiva, concreta, portanto, é amor e cura, é escuta que começa em nós, na nossa intimidade, ouvindo nossa ancestralidade, por isso é transformAção crocheteada pelo transforAmar, é comunitária, pois só

existimos em comunidade, em relação... em harmonia com a natureza que é o que nos permite a vida!

Segundo bell hooks (2020, p. 123),

despertar para o amor só pode acontecer se nos desapegarmos da obsessão pelo poder e pela dominação. [...] Os valores que sustentam uma cultura e sua ética moldam e influenciam a forma como falamos e agimos. Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente (HOOKS, 2020, p.123).

As poéticas de encantamento, oriundas desse encontro / encruzilhamento com a ancestralidade afrorreferenciada, são tecidas pela ética do bem-viver, pela liberdade plena, pela busca e construção da emancipação de corpo inteiro! É agir desde outras cosmopercepções como as afro-indígenas que estão implicadas com a transformação e potencialização da vida, culturas implicadas com outros modos de ser / estar no/com o mundo!

Portanto, precisamos transforAmar, compreendendo que “para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança” (Ibid). Escuta sensível que se faz por meio de uma ética amorosa, e

para vivermos nossa vida com base em princípios de uma ética amorosa (demonstrando cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar), temos de ser corajos[a]s. Aprender como encarar nossos medos é uma das formas de abraçar o amor. Talvez nosso medo não vá embora, mas já não ficará no caminho. Aquel[a]s de nós que já escolheram adotar uma ética amorosa, permitindo que ela governe e oriente o modo como pensamos e agimos, sabemos que, ao deixar nossa luz brilhar, atraímos e somos atraíd[a]s por outras pessoas que também mantêm sua chama acesa. Não estamos sozin[h]a]s. (HOOKS), 2020, p. 137).

Nesse sentido, o movimento do transforAmar está implicado com a reescrita da história, reescrita que se faz desde/com nossas escritivências, pois

nada nasce imune às nossas experiências, às nossas vivências, como nos ensina nossa mestra Conceição Evaristo (2017).

Nossas escritas são sempre movimentos de resistências e re-existências, ativismos próprios de nosso feminino co-criador e de nossas lutas antirracistas e antissexista etc., nos reconstituindo em comunidade e no amor. Amor aqui é político, comunitário, ancestral e encantado, pois “para fazer política, o outro é preciso e é preciso ter cuidado, no sentido de cuidar, de pensar no outro” (2022, p. 19), já afirma Hanna Limulja em seu livro “O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami”.

Precisamos escrever sobre amor, escrever o amor, porque escrever/escrever é ato político, filosofar/educar escrevendo é ato político de libertação e reconstrução de nossas dignidades! Nossas escrevivências são tecidas de sentidos, de afetos, contrariando a modernidade, que, como afirma Alik Wunder, imprimiu na forma de pensar / produzir / criar,

nas ciências humanas, exatas e biológicas – a lógica da definição, nomeação, classificação, regidas por jogos, que, na maioria das vezes, se dão de forma essencialistas e binárias, criando hierarquias e exclusões. A escrita se faz sempre prioritária em relação às outras linguagens, as palavras são regidas pela razão e pela argumentação lógica (WUNDER, 2022, p. 54).

Importante não perdermos de vista que “a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade”, como afirma Grada Kilomba (2019, p. 14). Portanto, nossas escrevivências, faladas, escritas, dançadas, cantadas, pintadas, bordadas, desejadas... são encantadas, posto implicarem-se com a transformação social, desde/com o transforAmar, de forma plural, diversa. Teorias orgânicas, pois partem de nossas experiências. Movimentos políticos, ativistas, filosóficos, poéticos, educadores, carregados de sentidos, de afetos, de possibilidades criativas, em que imagem e escrita embaralham “certezas sedimentadas”, trazem ventos de “alegria criativa – uma voz, um canto – para os gestos de pensar e escrever” (Wunder, 2022, p. 54). A escrevivência permite que criemos, continuamente, “formas de espantar o medo [da escrita] e fazer ventar um

sopro entre as palavras: sopro de suas experiências de vida, de suas inquietações, sonhos e imaginações de mundos” (Ibid), permitindo a reescrita de nossas histórias de forma plural, diversa, afetiva, tecidas por poéticas encantadas de bem-viver. Vento é movimento ancestral... axé!

A palavra é corpo, é memória... Assim, há a compreensão, desde aprendizados com os povos Guarani, via tessituras de Alik Wunder (2022, p. 53), que “é no sopro da voz que nascem as palavras, na relação entre o vento e o interior do nosso corpo”, isso é escuta sensível, escuta da nossa intimidade, da nossa ancestralidade! Sentimos ainda que desse sopro nascem novos / outros mundos. Alik Wunder afirma:

Desse sopro novo nascem mundos. O que aprendo com as/os indígenas é que a palavra falada cria mundos, age e transforma. Com eles também aprendo que suas imagens, os grafismos impressos em corpos humanos e corpos-coisas, também estão a todo momento se relacionando e agindo no mundo. Há aí outros regimes conceituais para pensarmos a escrita e as imagens. Ouvir palavras, ler imagens, desenhar escritas... (WUNDER, 2022, p. 53)

Há outros modos para escrevermos, por isso o encantamento que tece nossos sentidos, nosso estar no mundo é estética que valoriza o ser integralmente, que não separa... encantamento é mediado pela ancestralidade, que é tecida, também, pela afetividade. Por isso, nosso pensamento é tecido por cosmopercepções... utilizando a razão encruzilhada com nossos sentimentos, nossas intuições, nossas imaginações, nossos sentidos, nossos sonhos! Assim, encantar-se é convite para não apenas explorar nossos sentidos, mas também cultivar nossos sentimentos, nossa intuição e nossa imaginação, gerando possibilidades criativas da invenção, possibilidades e invenções do/para o sonhar. Encantamento é responsabilidade! É o amor, o coração que pulsa e nos move!

É preciso descolonizarmos nossos olhares, entender que olhar é sentir, entender que “é pelo olhar que entramos no mundo, que nos apossamos do mundo, que saímos do mundo dos vivos.” (BONI, 2001, p. 01). É preciso compreender que “não há olhar imparcial. Cada olhar, seja de onde venha, está

submerso em cultura” (Ibid), sabendo que todas nós temos um olhar, porque temos corpo e um corpo sensível, assim, Tanella Boni afirma que “o cego não vê, mas ele tem um olhar porque ele tem um corpo, uma sensibilidade, um espírito e outras faculdades que lhe permitem de entrar em uma relação com o outro” (Ibid).

Portanto, “todo olhar não é, antes de tudo, um gesto do olho, mas também uma posição do corpo, em relação a outros corpos, outros seres vivos, em relação às coisas ao nosso redor, em relação aos outros?” (Ibid). Sabemos que “nosso olho olha, nosso espírito também. É pelo olhar que tecemos conexões, que criamos...” (Ibid).

Olho, espírito gestados por uma ancestralidade que nos ensina que nosso corpo é um templo sagrado, por isso ancestral. Olhar que “provoca o reencontro do humano com a humanidade sob o signo do amor”. (Ibid)

É nessa vereda que tenho afirmado que a branquitude tem que se desencantar com sua ancestralidade para se encantar com a vida... tecer outra(s) ancestralidade(s) para suas próximas gerações, compreendendo que, como afirma Sueli Carneiro (2023, p. 12), “para que possamos nos libertar um do outro, te asseguro que terás que fazer concessões, e a principal delas será abdicar de teu prazer em fabricar replicantes, ou seja, desistir de me reproduzir infinitamente.” Implica-se em respeitar e aprender a viver bem com a pluriversalidade, reconhecer suas violências e aprender com os povos que sempre resistiram plantando outras formas de re-existências. Formas orgânicas de tecer mundos, encruzilhados na e pela terra. Assim, a branquitude tem que se desencantar com sua ancestralidade e aprender com os povos que colonizou / matou / roubou a criar ancestralidades encantadas.

Desse modo, temos uma responsabilidade em contribuir para os processos de descolonização, pois para encarmos as feridas coloniais,

para curá-las, as pessoas negras progressistas e nossos aliados nessa luta devem estar comprometidos em realizar os esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e autodefinição. [...] a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar

alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar, nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualista acerca do bom e do mau. [...] a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (HOOKS, 2019, pp. 36-37).

Mudar as coisas: transforAmar como movimento de cura

Se nossa sociedade tivesse um entendimento
estabelecido quanto ao significado do amor,
o ato de amar não seria tão confuso.
(bell hooks, 2020)

bell hooks, em "Tudo sobre o amor: novas perspectivas", logo no prefácio, afirma que, "quando amamos, podemos deixar nosso coração falar". Deixar nosso coração falar é movimento próprio da escuta sensível... É movimento importante para cura de nossas dores. Sobonfu Somé afirma:

É tão importante ter formas de libertar essas dores para manter nosso equilíbrio... Deixar de lado uma dor antiga só faz que esta dor cresça até que sufoque nossa criatividade, nossa alegria e nossa capacidade de nos conectar com os demais. Inclusive pode nos matar. Frequentemente minha comunidade utiliza rituais de dor para curar feridas e nos abre ao chamado do espírito. (SOMÉ, 2014, sp).

Sobonfu Somé (Ibid) ainda nos diz: "a dor e a mágoa não expressada doem em nossas almas, e está diretamente ligada ao nosso sentido geral de seca espiritual e tumulto emocional, para não mencionar as muitas doenças que experimentamos em nossas vidas". Portanto, essa dor não é apenas subjetiva / pessoal, "é de todo o grupo. Experimentamos uma sensação coletiva, para que uma pessoa não tenha que suportar sozinha todo o peso do sofrimento" (Ibid). Somos povo, povoados, povoadores. Desse modo, é fundante compreendermos que:

O futuro depende muito da maneira como administramos nossa dor e tristeza. As expressões positivas da nossa dor são terapêuticas. No entanto, a falta de expressão da nossa dor ou sua incorreta gestão está na raiz da infelicidade geral e da depressão, algo que também provoca guerras e crimes. Há coisas que podemos fazer na sociedade para ajudar a curar. Podemos começar a aceitar nossa própria tristeza e sofrimento do outro. (Ibid).

É urgente a escrita e reescrita da nossa história, assim como o exercício de desmentir muitas histórias mentirosas, que nos adoecem, pois, como bem diz bell hooks (2017, p. 44): “A cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação”. bell hooks relata que chegou

à teoria porque estava machucada – a dor de dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (HOOKS, 2017, p. 83).

Escolher tecer teorias desde/com perspectivas implicadas com o transforAmar é movimento de cura, compreendendo que a experiência do amor verdadeiro, tecido na e pela ancestralidade e o encantamento nutre nossos espíritos feridos, permite a sobrevivência ao desamor (hooks, 2020, p. 50), ao genocídio, ao epistemicídio... às dores e ao desencantamento do mundo. Essa “combinação de cuidado, compromisso, confiança, sabedoria, responsabilidade e respeito” (Ibid) é movimento próprio do transforAmar delineado pelas filosofias afrorreferenciadas. Assim, nosso transforAmar forja caminhos de uma ética do cuidado, uma ética amorosa, encantada em que “o amor se torne um fenômeno social” (Ibid, p. 123) e possamos tecer nosso ser-tão em toda sua dimensão, em todo seu chão...

A filosofia do ser-tão é tecida pelo amor, pois pauta-se no caminhar sentindo a terra, sentindo o chão, no ser-chão; é filosofia, sabedoria orgânica, enraizada, que envolve o ser em toda sua dimensão, em todo seu gestar, germinar, parir, cuidar, florescer, ser... É orgânica, pois buscamos tecer nosso

estar no mundo sabendo que “todas as vidas são necessárias”, como ensina nosso mestre Antônio Bispo dos Santos, nosso Nêgo Bispo (2023, p. 26).

Outrora afirmei que sertão, dentre tantas outras coisas, é “convite para adentrar nas matas fechadas de nossos corações” (MACHADO, 2021, p. 20). Nesse movimento, a filosofia do ser-tão nos convida a adentrarmos nossos corações e, assim, ouvir nossa intimidade, ouvir a natureza que habita nosso ser para que possamos “harmonizar nossa existência no/com o universo, pois somos parte do todo e o todo está em nós... ancestralidade é o universo que nos habita... somos universos, somos ancestrais!” (Ibid). Essa harmonia nos “ensina a seguir nosso *fluxo* como os rios que correm em busca de sua *cabeceira*...” A seguir nosso *odu*, o sonho que somos e, mesmo no período de seca, essa harmonia da natureza nos ensina a seguir nossos fluxos, sabendo que “a seca mata, mas também alimenta, fortalece, ensina a perseverar, a resistir, a re-existir... É cheia de artimanhas e encantos! A natureza ensina que germinar necessita de silêncio e tempo...” (Ibid). Ser/viver orgânico.

É relação orgânica porque é tecida pelo útero da terra, esse feminino co-criador que nos ensina que somos parte da natureza, somos natureza, assim, nosso viver se faz pelo envolvimento, pois vivemos “envolvid[a]s com as árvores, com a terra, com as matas” (SANTOS, 2023, p. 30). Envolvendo assim um pensamento fronteiriço, pois a fronteira é lugar do diálogo, é “território movediço, elástico” (Ibid, p. 31), circular, diversal, pois “todos somos cosmos” (Ibid, p. 29).

Somente é possível transforAmar implicadas com o ser-tão em nós... ser-tão encruzilhados por movimentos aforreferenciados, movimentos ancestrais e encantados. É nesses movimentos que vou seguindo, pois, como canta e encanta Belchior, *amar e mudar as coisas me interessa mais*³⁵.

³⁵ Trecho da música Alucinação do grande mestre, meu conterrâneo, Antônio Carlos Belchior. A música faz parte do álbum de mesmo nome que fora lançado em junho de 1976.

REFERÊNCIAS

- BONI, Tanella. *Regard humain, regard inhumain, regard de proximité. Diogène*, n. 193, v. 1, p. 75-85, 2001. Tradução para uso didático por Matteo Alexander Joko Veltman. Revisão de wanderson flor do nascimento.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- hooks, bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.
- hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.
- hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. *Saberes da Floresta*. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. *#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, Canoas, v. 3, n. 1, 2014. DOI: 10.35819/tear.v3.n1.a1854. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- MACHADO, Adilbênia Freire. Por uma filosofia do ser-tão. *Revista Cult*. Julho 2021, Edição 271.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo, Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. Nêgo Bispo questiona, em carta ao Fórum Social Mundial, valores da civilização. *Observatório da sociedade civil*. 9 de Fevereiro de 2021. <https://observatoriosc.org.br/nego-bispo-questiona-em-carta-ao-forum-social-mundial-valores-da-civilizacao/#:~:text=dizer%20a%20voc%C3%AAs-,%E2%80%A6,%C3%A9%20a%20mesma%20de%20receber%E2%80%A6>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

SANTOS, Luís Carlos Ferreira. A filosofia da relação de Édouard Glissant: uma breve introdução. *Revista Ideação*, N. 48, Julho/Dezembro 2023. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/artide/view/9236>. Acesso em: 01/11/2023

SANTOS, Maria Moura (Maria Toinha); SANTOS, Marcos Andrade Alves. *Caminhos Encantados*. 1 ed. Trairi-CE: Editora Edições e Publicações, 2021.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade*: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. SP: Odysseus Editora, 2003.

SOMÉ, Sobonfu. *Aceitar a dor*: Quando banhar-se em lágrimas cura as feridas mais profundas. Texto foi publicado em Africaneando. Revista de actualidade y experiencias, nº. 09, 2012. www.oozebap.org/africaneando. Tradução de Aline Matos da Rocha, março de 2014. Acesso em Outubro de 2014.

WUNDER, Alik. Ouvir palavras, ler imagens, desenhar escritas: sopros indígenas em uma universidade, In: MUNDURUKU, Daniel [et al.]. *Jenipapos*: diálogos sobre viver. / organização Daniel Munduruku... [et al.]. Coordenação Isabella Rosado Nunes, Mauricio Negro; arte Mauricio Negro. -- Rio de Janeiro, RJ: Mina Comunicação e Arte, 2022.